

# LIVRO-FONTE E LABORATÓRIO DA ESCRITA: PRÓLOGO DE UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A OBRA DE MARIA GABRIELA LLANSOL

*Louise Ribeiro da Cruz*

*Orientadora: Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira*

*Mestranda*

**RESUMO:** Esta investigação tem como objetivo geral mostrar que escritos constantes em *Uma data em cada mão - Livro de Horas I*, publicados, em 2009, após a morte de sua autora – Maria Gabriela Llansol – são, em realidade, laboratório material e, especialmente, imaterial da escrita que possibilitou aquela escritora lusitana engendrar seu livro-fonte, *O Livro das Comunidades*, obra publicada em 1977. Como um Objetivo Específico à consecução da pesquisa, examina-se a escrita não-representacional presente nas duas obras supracitadas, com o propósito de analisar a problematização da *escrita de si* em face de entrecruzamentos de ficções e relatos autobiográficos; i.e., de elementos literários e históricos. No processo investigatório, relevante – mas não único – aspecto examinado do quadro teórico-metodológico da escrita de si llansoliana é a imagem de Tomás Müntzer como figura de defesa de oprimidos e silenciados. Nesse sentido, mediante urdidura de fragmentos correlacionados à imagem de Müntzer existentes em *Uma data em cada mão - Livro de Horas I* com outros afetos a tal figura histórica que transmigram para *O Livro das Comunidades* já se evidencia (como resultado parcial) não apenas a demonstração do Objetivo Geral da pesquisa como também a ocorrência de transbordamento dos limites da História e da Literatura na medida em que, ultrapassando-os e transpassando-se são proporcionadas ao legente imaginativas leituras de ‘novas verdades’ sobre fatos e figuras históricas correlacionadas; bem como se possibilita – de forma inovadora – o enaltecimento de sujeitos (notáveis e anônimos) e, por conseguinte, a comunhão deles em comunidades (atemporais) silenciadas que granjeiam estatura de visão própria e vozes a serem ouvidas.

**PALAVRAS-CHAVES:** escrita de si; imagem; representação; Tomás Müntzer.

Leitores apresentados à escrita não-representativa de Maria Gabriela Llansol (MGL, Llansol) experimentam, inicialmente, certo desconforto, náusea. Posteriormente, ao se questionarem sobre possibilidades de leitura de tal escrita, inebriam-se; e, quando não mais neófitos – banhando-se na legênciã (verbetes criados por Llansol) – extasiam-se em acolhimento e afecção aos vazios, lacunas, fraturas e silêncios oferecidos.

Compilados do espólio de Llansol por João Barrento e Maria Etelvina Santos, escritos existentes em *Uma data em cada mão – Livro de Horas I* (LHI) (Llansol, 2009) são laboratório material e, especialmente, imaterial que possibilitou Llansol engendrar *O Livro das Comunidades* (LC) (Llansol, 1977), destaque às imagens. Possibilidades de sentido e interpretação das imagens são construídas em jogo de vazios, das fissuras, dos interstícios, e dos diferentes níveis e potências imagéticas; pois sempre há segredos, surpresas infundáveis [por vezes indecifráveis] e detalhes que se escondem [e/ou se oferecem] nos espaços vazios, na ausência das palavras e no silêncio entre elas. Nesse escopo, o texto de Llansol se faz pujante devido ao vigor das imagens que irrompem em sobreimpressão, *modus operandi* no qual, em contínua transmutação, Llansol habita o mundo de cada legente. Técnica visual na qual paisagens irrompem, deslizam e se imbricam umas sobre outras conferindo substância, corporeidade e vida aos fragmentos.

A fim de fortificar a defesa de que LHI é fonte material e, sobretudo, imaterial de LC, explica-se aspecto atinente a LC ser um retorno à cena primitiva germinada em LHI. Na página 23 de LHI consta a expressão primitiva cunhada por Sigmund Freud. Ela é utilizada para tratar de fatos e cenários, esses, a imbricação de dois ou mais fatos – da vivência de cada ser. E o olhar de cada ser (isto é, de cada sujeito) é sobredeterminado por imagens de diferentes temporalidades que residem em sua memória, habitando-a não como passados sepultados, mas como presentes reminiscentes, como se percebe em: “[...] acordei sabendo que tinha sonhado com a cena primitiva” (Llansol, 2009, 30). E, na escrita llansoliana – trabalho que não hesita em mergulhar nos fantasmas primevos de cada legente –, isso não ocorre de forma diferente, mas de modo especial; pois ela acaba sendo instrumento de retorno da lembrança do gozo imbricado com desassossego que dá a dimensão dizível ao indizível. Esta escrita compulsivamente é rabiscada ao saber e sabor das idas e vindas do cotidiano e das meditações no trabalho escritural são fruto de fantasmas. Diz Llansol: “Os fantasmas para



mim são os discursos” (Llansol, 2009, p.32). “Há toda uma teoria da escrita nestes textos; uma ‘abolição do tempo’ que se faz ‘conversação espiritual’, um ‘uso inabitual’ das palavras em torno de uma ‘comunidade’ de fantasmas” (Mexia, 2005, [sp]).

A trama que compõe os escritos llansolianos, em incessante deambulação espaço-temporal, entretece figuras de diferentes épocas, experiências de escrita e leitura de subjetividade polifônica e seus afetos que edificam geografias de afetos e constróem entre-lugar de indecidíveis fronteiras que mesclam o real e o ficcional. As diferentes vozes narrativas (chamadas por Llansol de figuras) utilizam-se da escrita e da leitura para “abrir sendas ou veredas, rios, jardins ou desertos no mundo”<sup>126</sup> e, assim, urdir e expandir caminhos do (e para o) encontro de novos saberes, de maneiras de produzir amor para comunidades.

E essa trama faz aflorar no legente – em distintas formas e graus de intensidade – variadas sensações e percepções; o que confere aos textos da escritora portuguesa um cunho eminentemente errático, viajante, algo que seu conterrâneo e crítico literário António Guerreiro denominou ‘escrita nómada’.

Pode-se também pensar a escrita não-representativa de Llansol realizar-se rizomaticamente entre LHI e LC. Tal relação manifesta-se em densa capilaridade imagética tal como em raízes de um tubérculo que se diversificam e se unem. Além dessa imbricação entre as ‘obras’ – uma vez que Llansol não escrevia livros – entende-se que, para cada legente, qualquer ser – seja ele animal, vegetal e mineral – participa de níveis de significações humanas. Nesse sentido, Llansol possibilita contínuas metamorfoses entre [e no] texto e o legente, nas quais a leitura advém de aprendizagem de des-leitura.

Escritos llansolianos ultrapassam o fazer literário, pois evidenciam que ler fragmentariamente é ler em liberdade, despertando o legente a aderir a determinado universo e, consoante a essa postura, fazendo-o assumir modo de estar no mundo em incessante busca do devir.

---

<sup>126</sup> GUSMÃO, 2004, p. 284.

Um dos aspectos específicos de abordagem dessa investigação é a existência, nas duas obras, de comunidades formadas por sujeitos silenciados. Passa-se a discorrer sobre elas mediante a figura de Tomás Müntzer (TM), uma voz que corrobora mais com a problematização da expressão escrita de si em LHI e LC.

Especificamente a respeito da História e Literatura, pode-se afirmar que constroem seus discursos apropriando-se do viés do imaginário (Lemaire, 2000, p. 11). Agustina Bessa-Luís ratifica esse entendimento quando diz que “a História é uma ficção controlada”<sup>127</sup>. Há uma distinção crucial entre História e Literatura: enquanto naquela urde-se uma ficção subjugando-a a contornos factuais; nessa, a ficção estabelece a-límites posto que, poeticamente, apropria-se do imaginário.

Por intermédio da linguagem ficcional, a Literatura possibilita ao leitor um olhar incomum sobre mundo e fatos. E essa, ao impulsionar-lhe, faz com que a História travista-se. Isso possibilita o leitor recontar (recriar) realidades, refletindo — sob variados pontos de vista, formas e matizes — a respeito do “é como se fosse”, “e se assim tivesse acontecido?” e, até mesmo, do que “poderia ter ocorrido”. Reafirmando: a História é comprometida com o que de fato aconteceu, portanto, pauta-se no passado real, concreto (a ‘passeidade’), mesmo se feita sob diferentes — ou, até mesmo, antagônicas — versões como, por exemplo, a visão histórica dos vencedores de uma guerra em contraponto àquela contada pelos derrotados, como se verifica em LHI e LC.

Assim, a historiografia — enquanto trabalho descritivo e analítico-reflexivo do historiógrafo — quer seja mediante narrativa de acontecimentos reais, quer seja por meio do discurso do historiador a partir da ‘passeidade’; vive da narração dessa e de suas recriações sob a forma de versões críveis. É esta peculiaridade que, sutilmente, aproxima e distingue aquele que historia o fato daquele que escreve ficção. Dessa forma, é possível ler a História como se fosse Literatura e vice-versa; pois se identifica a História que se escreve, assim como se percebe o entrecruzamento e a interpenetração dos discursos históricos e literários envolvidos que se amalgamam, tal como acontece em LHI e LC.

---

<sup>127</sup> BESSA-LUÍS, 1983, p. 207.

LHI e LC entrelaçam história e ficção, utilizando-os como alicerce para construção de universos que têm como ponto de partida outros textos (históricos e literários), num processo intertextual que reduz a distância entre o passado e o presente, ao mesmo tempo em que reescreve acontecimentos do passado dentro de novo e contemporâneo contexto, possibilitando pulverização e direcionamento de olhares, principalmente às atitudes de oprimidos e opressores; o que favorece o enaltecimento de vozes silenciadas, por intermédio dos *lócus* LHI e LC.

Uma dessas vozes é pastor Tomás Müntzer (1490-1525). TM liderou revolta sócio-religiosa que se alastrou por campos e cidades da Alta Saxônia (atual Alemanha) durante o período da Reforma Luterana. Um dos aspectos a ser investigado é a característica de ‘potência criadora de TM’ e seu vínculo com camponeses, bem como a luta de ambos pela liberdade de consciência para a causa de oprimidos e silenciados. Para tanto, preliminarmente, alude-se à Guerra dos Camponeses (Alemanha, 1525), seus desdobramentos e alusões desse conflito em LHI e LC.

A Guerra dos Camponeses deflagrou-se com a Batalha de Frankenhausen, como consta em LC:

Um frio polar invade o campo de batalha; os camponeses avançavam lentamente, as mãos tolhidas sobre os instrumentos que costumavam usar no trabalho da terra. Um cavaleiro aparecido de súbito entre eles anunciou-lhes a derrota e o massacre dizendo-lhes que, por um tempo tão frio, vence quem estiver sentado ao meio do sangue dos cavalos [i.e., quem mantiver-se firme em seus ideais]. (LLANSOL, 1977, p. 48)

Nessa batalha cerca de cinco mil camponeses foram mortos<sup>128</sup> e seu líder (TM) foi preso, torturado e decapitado. Retira-se de LC: “[Ana de Peñalosa, São João da Cruz] Ficaram a observar a cabeça de Tomás Müntzer que deslizava na água; [...]”<sup>129</sup>.

Resultado da batalha, os ‘vencidos’ foram subjugados, como servos, aos mandos e desmandos dos senhores feudais. O texto não conta a história do malogro dos camponeses, mas atravessa a batalha, não para recriá-la, sequer representá-la; mas sim para construir, em

<sup>128</sup> “[...] recolho uma tristeza infinita dos mortos, colho e componho os seus membros, e recolho-os. Vejo à distância São João da Cruz que medita, o sol de Copérnico batendo-lhe nos olhos e prendendo-lhe a cabeça de Müntzer entre as mãos.” (LLANSOL, 1977, p. 53).

<sup>129</sup> LLANSOL, 1977, p. 41.

*montagem*, silêncios e vazios de suas mortes. Nota-se em LHI: “Necessito voltar a estudar. Torna-se urgente dar uma estrutura ao meu livro, que provoque consistência, sirva de suporte a um devir pessoal (o meu). Preciso da História como território.”<sup>130</sup> E em LC: ““Tudo está a ser dito e o resto do comentário não descreverá um momento da História.”<sup>131</sup>

As imagens da Guerra dos Camponeses e seu estopim (a Batalha de Frankenhausem) transmigram de LHI para LC: “Liberto ideias nascidas de outras ideias. A minha alegria consiste em não interromper qualquer encadeamento de emoções ou de saberes.”<sup>132</sup>

Expostas tais preliminares, já se pode debruçar sobre o exame de ‘potência criadora de TM’, sua afeição pelas questões camponesas e, em maior perspectiva, pela luta em favor de oprimidos e silenciados. E essas (afeição e luta) são evidenciadas em LC: “A escrita /era as vozes /em coro /dos trinta mil camponeses /que depois de abolirem os juizes /se dirigem para o massacre de Frankenhausem /e cujas pegadas ficaram perdidas no deserto”<sup>133</sup>. O grupo de trinta mil camponeses é uma das figuras silenciadas, porque, se percebe em LC “as condições econômicas haviam criado um profundo descontentamento”<sup>134</sup>. Diante da crise social que se alastrava, TM contraria opressores que ignoram e subjagam os camponeses. TM e os camponeses resistem e amedrontam estruturas hierárquicas e poderes invasivos [dos Senhores]. Extraímos de LC esse entendimento em: “quando [TM] atacou a opulência e os ricos, expulsaram-no da sua paróquia. Fugiu para a Boémia onde publicou um Manifesto em que se considerava instrumento de purificação da terra e da Igreja”<sup>135</sup>. Nesse ponto, vale registrar que, anteriormente à participação na Batalha de Frankenhausem, TM elaborou missiva reivindicatória como se percebe em LC: “Tomás dedicou então, com todo o seu prestígio à revolta dos camponeses que alastrava na Turíngia. Redigiu a Carta de que constavam as suas reivindicações”<sup>136</sup>.

E a afeição de TM pela causa camponesa ganha relevância pelo fato de TM ser pessoa engajada com a própria consciência da imprescindibilidade de ser elemento atuante e

---

<sup>130</sup> LLANSOL, 2009, p. 177.

<sup>131</sup> LLANSOL, 1977, p. 29.

<sup>132</sup> LLANSOL, 2009, p. 197.

<sup>133</sup> LLANSOL, 1977, p. 48.

<sup>134</sup> *Idem*, p. 58.

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>136</sup> *Ibidem*, p. 58.

transformador de realidades, especificamente desigualdades sociais vivenciadas por camponeses. “[...] Tinha uma excelente formação intelectual. [...]”<sup>137</sup> – proporcionou-lhe, em maior instância, emancipar-se. Educar-se permitiu cultivar, desenvolver e ampliar conhecimentos e capacidades analítica, crítica e reflexiva, apoiar e liderar a revolta dos camponeses. Aristóteles bem disse: a educação é um meio de conquistar virtude e sabedoria.

E, para tal conquista, existe luta pela liberdade de consciência. É o que se vê em LC, pois

[...] caminha-se para fazer encontros com os da mesma linhagem, para dar voz aos que a História silenciou, para completar o esforço dos que caíram antes de virar o rumo dos acontecimentos, para trazer do futuro esses-outros capazes de uma justiça des-hierarquizada e não da justiça que actua segundo as leis do Poder. No seio de Ana de Peñalosa, figura agregadora, terão abrigo todos os “pobres” da História, e esta poderá a vir a orientar-se pela liberdade de consciência; mas há ainda uma outra vontade, um outro caminho a percorrer – sabendo que o nosso vivo, como diz o texto, é apenas um dos muitos vivos que existem, de pouco nos servirá à liberdade de consciência se a não estendermos a todo o vivo, numa abertura de espírito e de diálogo com todos os que, diferentes por condição, fazem o todo que nos envolve; [...] (BARRENTO, 2009, p. 93-94)

TM chegou a redigir Carta Reivindicatória em defesa de camponeses silenciados da Suábia<sup>138</sup>, documento sintetizado na máxima *“Omnia sunt commmunia”* (“Tudo é de todos.”). Em doze artigos, TM proclamou que os camponeses nasceram livres e, em face disso, reivindicavam: a abolição da servidão, o fim dos tributos religiosos, a diminuição dos impostos sobre a terra, a livre escolha dos líderes espirituais e a liberdade para caçar em florestas de nobres.

Em maio de 1525, na Batalha de Frankenhausem, os camponeses foram cercados e mortos aos milhares. Duas passagens presentes em LC expõem essa matança: “Das margens, a multidão continuava a soltar improperios; mas a Viva Chama, caída labareda a labareda, tapava o corpo: o ulular das vozes descia de tom, [...]”<sup>139</sup>. Muitos foram mortos: “[...] a multidão dos vultos aglomerados à sua frente não se movia. Decorrido muito tempo ainda

---

<sup>137</sup> *Ibidem*, p. 57-58.

<sup>138</sup> Região cultural, histórica e linguística do sudoeste da atual Alemanha.

<sup>139</sup> LLANSOL, 1977, p. 36.

permaneciam no mesmo lugar; fascinados pelo solo que abrisse fendas donde saíam murmúrios [...]”<sup>140</sup>.

Ao término da batalha, TM foi preso e obrigado, sob tortura, a negar suas teorias. Após, decapitaram-no; sua cabeça foi pendurada como troféu nos portões de entrada da cidade. Ficcionalmente, Llansol reduziu-o à sua cabeça [i.e., ao seu (dele) pensamento]: “Eu Tomás Múntzer, reduzido a um corpo de criança, cujo tamanho não excede o da minha cabeça decapitada depois da batalha de Frankenhausem; eu Tomás Múntzer de Stolberg [...]”<sup>141</sup>. Noutro momento, TM lastima a derrota e a condição de oprimido: “A minha batalha já está perdida, posso lançar ao rio<sup>142</sup> a minha cabeça decapitada”<sup>143</sup>. Há momentos do LC nos quais a força imaterial da luta de TM é destacada por Ana de Peñalosa quando essa anuncia a decapitação e descreve a importância e a ação transgressora de seu filho: “– Cortaram a cabeça a Tomás Múntzer. A meu filho, Tomás de Peñalosa. Nasceu talvez em 1488 mas não me lembro como nasceu. Foi o iniciador desta reforma sócio-religiosa. Tinha uma excelente formação intelectual. Estudou os místicos alemães do séc. XIV. [...]”<sup>144</sup>. “[...] Durante a batalha de Frankenhausem, no dia 15 de Maio de 1525, os camponeses foram definitivamente derrotados pelos Senhores”<sup>145</sup>.

Fenati (2014, p. 76-77) corrobora o posicionamento apresentado nesta investigação quando esclarece que

[...] Tendo perdido a batalha de Frankenhausem, em que os chefava, Múntzer foi decapitado. Nessa cena, e ao longo de todo o livro, é como se estivesse ainda na eminência da batalha, que não foi cumprida no seu desígnio de propiciar a comunidade do “homem novo de que desde os anacoretas cristãos se ouve falar: Sabiam/que ia travar-se/uma batalha./O cavalo/já chegada/a seu lado.” [...] (LLANSOL, 1977, p. 41)

---

140 *Idem*, p. 50.

141 *Ibidem*, p. 34.

142 A imagem do rio pode ser entendida como um livro que se escreve – LC foi germinado em LHI –, uma energia, um fluxo para expressar movimentos e mudanças. Ir além das possibilidades da língua mãe, deparar-se com a ausência de origem e deixar-se fluir no rio outro da linguagem, habitando outras moradas para abrigar a linguagem literária. Tanto que Llansol associa a escrita com um rio profundo: “Descubro as manhãs para escrever <<Geografia de Rebeldes>> e <<A Quinta de Jacob>>. [...] Fecho a porta, não ousei ainda acender a vela. A escrita está diante de mim como um rio profundo [...]” (LLANSOL, 2009, p. 219).

143 LLANSOL, 1977, p. 40-41.

144 *Idem*, p. 57-58.

145 *Ibidem*, p. 58-59.





Se, por um lado, os ‘vencidos’ tornaram-se servos dos senhores feudais; por outro, LHI e LC, repisa-se, não relatam malogro dos camponeses, mas atravessam a batalha, não para recriá-la, sequer representá-la; mas sim para construir – mediante *montagem* entre História e Literatura – silêncios e vazios que exortam a luta e a afeição de TM em favor de oprimidos e silenciados.

Importante ver imagens do passado como “o procedimento da montagem, da desconstrução, enquanto gesto que implica novas associações, composições, colagens de diferentes campos artísticos e temporais”<sup>146</sup> com o propósito maior do legente “produzir uma memória que possa também ser tecida pelos silêncios<sup>147</sup>, pelas imprecisões e pelo esquecimento enquanto potências significativas”<sup>148</sup>.

Compreende-se imagens naquilo que elas possuem de inquietante e imprevisível, pois estar no olho da história não é apenas gerar conhecimento sobre o passado; mas, também, fomentar experiência problematizante do presente e do seu porvir. Estar no olho da história é, ainda, lidar (com) e avivar os resíduos que marcam essas imagens (ao contrário de atenuá-los), uma vez que elas decorrem de experiências e percepções. Resíduos do risco, do perigo e da urgência como vestígios que sinalizam para a própria complexidade da imagem; o olho do ciclone. “[...] A história é concebida como um tempo de rupturas em que a relação é mais

---

146 DIDI-HUBERMAN, 2003, p. 56.

147 Aos olhos da filosofia, não é a ausência de ruído que constitui o silêncio, mas a ausência ou abolição da fala. O silêncio, apanágio da natureza, é quebrado pela cultura, i.e., pelo aparecimento da linguagem. O silêncio comporta variados graus: do ponto zero da linguagem (o silêncio absoluto) ao discurso filosófico ([i.e., o não-silêncio] considerado a supressão [absoluta] do silêncio) passando pelas diferentes formas do discurso não filosófico. Se o silêncio remete [supostamente] para a ininteligibilidade, algumas consequências decorrem como, por exemplo: falar para nada dizer é, então, um aspecto do silêncio e — no limite — na hipótese em que a linguagem seria concebida como inadequada ao real, cada sujeito estaria condenado a calar-se e a apontar os objetos com o dedo. O silêncio pode, ainda, ser entendido como a expressão paradoxal daquilo que existe de inumano no homem: por um lado, especialmente, o “silêncio do inominável” (Nicolas Grimaldi) e do incomunicável que caracteriza a alienação mental e, por outro, o “silêncio da violência” — cujo desenvolvimento é incompatível com a consciência e a lógica — que faz cair aquele que a ela se entrega num mundo onde a linguagem já não pode ocorrer; o silêncio torna-se, então, “abstenção de toda comunicação com os outros homens” (Eric Weil). Mas, também, existe a experiência positiva de certa qualidade de silêncio não desprovida de riqueza. Para além da experiência metafísica do silêncio, gerador eventual de angústia — “o silêncio dos espaços infinitos assusta-me” (Pascal) —, convém observar a experiência interior enriquecedora do silêncio: ligada à prece ao asceticismo e à solidão, o silêncio concebido como o invólucro de uma presença escondida, é, para os místicos, o caminho do reencontro com o Outro e com Deus (DUROZOI *et* ROUSSEL, 2000, p. 349-350).

148 FRANÇA, 2010, p. 154.

importante do que os termos isolados, pois cada instante carrega a emergência de algo novo, é sempre um presente que recupera algo de um passado e assim se transforma a si mesmo e, por conseguinte, o futuro” (França, 2010, p. 154).

Diferentemente do lugar ficcional, a História mostra que os vencidos permaneceram sob o jugo dos senhores feudais e mantidos na condição de servos, mediante reforço do princípio luterano da passiva submissão à autoridade. “A volver-se poeira, Tomás Müntzer ouvia o tropel dos cavalos cada vez mais distante. Nunca morrera antes. Tinha a consciência de que Pégaso se afastava.”<sup>149</sup>

Enfim, em LHI e LC há ‘outras verdades’, tal como versões de ‘vencidos em guerra’. Müntzer e todas figuras (nelas incluídas, Llansol e legentes) são corpos de afetos. Cada corpo está em devir. Cada corpo é reservatório de memórias, experiências, afetos e imagens que adentram e incutem-se em cada legente transformando-lhe *corp’a’screver*, urdindo e expandindo caminhos do (e para o) encontro de novos saberes, de maneiras de produzir amor para comunidades.

Assim, os escritos que, nas mãos de João Barrento e Maria Etelvina Santos, constituíram a obra póstuma LHI foram, em realidade, o laboratório – material e, especialmente, imaterial – que possibilitou Llansol engendrar, ainda em vida, o LC: “Se não escrevo n’O Livro das Comunidades, escrevo aqui. Se não posso correr n’O Livro das Comunidades, tenho o contacto menor desse texto.”<sup>150</sup>

## REFERÊNCIAS

LOPES, Silvina R.. Jade, uma figura da legência. In: BARRENTO, João (Org.). *O que é uma figura?* Diálogos sobre a Obra de Maria Gabriela Llansol na Casa da Saudação. Lisboa: Mariposa Azul, 2009. (Coleção Rio da Escrita).

BESSA-LUÍS, Agustina. *Adivinhas de Pedro e Inês*. Lisboa: Guimarães, 1983.

---

149 LLANSOL, 1977, p. 53.

<sup>150</sup> LLANSOL, 2009, p. 61.



- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Images Malgré Tout*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.
- DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de Filosofia*. Porto: Porto, 2000. (Coleção Dicionários Temáticos).
- FRANÇA, Andréa. A reencenação no cinema documentário. In: Revista *MATRIZES*, Ano 4, n. 1, p. 149-161, jul./dez., 2010, São Paulo, Brasil.
- LEMAIRE, Ria. O mundo feito texto. In: \_\_\_\_\_; DECCA, Edgar S. (Orgs.) *Pelas margens: outros caminhos da História e da Literatura*. Porto Alegre: UFRGS; Campinas: Unicamp, 2000.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades*. 2ª ed. Lisboa: Lisboa: Afrontamento e Maria Gabriela Llansol, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Uma data em cada mão*; Livro de Horas I. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PIMENTEL, Davi A. Rascunhos de um pensamento arrebatador: Maurice Blanchot. In: *Todas as Letras P*, v. 12, n. 2, 2010, p. 72-79.
- SANTOS, João Henrique. Uma reflexão sobre o papel de Thomas Müntzer no pensamento marxista. In: *Sacrilegens* [Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião], UFJF, Juiz de Fora, v.6, n.1, p.75-84, 2009.
- SECCO, Carmem Lúcia. T. R.. *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: PUC MINAS, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Poéticas do sensível: história, imaginação, erotismo e afeto na poesia angolana pós-1990*. Disponível em: <<http://www.revistadiadorim.letras.ufjf.br/index.php/revistadiadorim/article/viewFile/181/187>>. Acesso em: 06 out. 2016.